

Línguas em tradução: tempos, ritmos e vozes

Languages in translation: times, rhythms and voices

Viviane Veras

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Resumo: Entre línguas em tradução, a escuta do que nelas dá lugar ao estranho e ao equívoco que resiste à compreensão e reivindica sua opacidade faz dos estudos de tradução um território conceitual dominado pela metáfora e, de certa forma, produtor de saberes avessos a quantificações. Esse *savoir-faire* reivindica o risco de entrar no que se trama entre línguas e contar com o que nela se encena, e que exige um manejo dos tempos, uma marcação dos ritmos e uma disposição ao acaso, ao inaudito, ao improvisado. Este trabalho apresenta-se como um pensar essa aproximação sempre cuidadosamente regulada entre línguas, pressupondo a escuta de vozes e silêncios que se entremeiam nesses nesses vãos, a cada vez, originais.

Palavras-chave: Tradução; Tempo; Ritmo; Escuta

Abstract: Between languages in translation, listening to what in these languages is strange and equivocal and resists comprehension by means of its opacity makes translation studies a conceptual territory dominated by metaphor and, arguably, a producer of knowledge that is averse to quantification. This *savoir-faire* demands the risk of entering into what is woven between languages and relying on what is staged there, which requires grappling with time, marking rhythms and making oneself open to chance, to the unheard, and to improvisation. This paper aims to think about this always carefully regulated approximation between languages by presupposing the listening to voices and silences that are intertwined in these transitions, at once, originals.

Keywords: Translation; Time; Rhythm; Listening



A diversidade das línguas, o fato de haver – segundo cálculos mais ou menos aproximados – cerca de 7 mil línguas¹ neste nosso pequeno planeta, já deveria ser suficiente para nos alertar para a questão que nos parece crucial: o que pode haver de irredutível na alteridade do estrangeiro? No outro e em cada um de nós que procura se traduzir na(s) língua(s) que pensa ter por sua(s)? Isso que em cada língua – a despeito do desejo de transparência e fidelidade – resiste às traduções e permanece absolutamente singular garante que se mantenha essa saudável e cada vez mais necessária heterogeneidade que exige a prática da tradução, e que, no movimento incessante de traduzir, previne contra o perigo da uniformização; contra o que a filósofa tradutora Barbara Cassin vem chamando de *patologia do universal* (1916; 1917).

Pode-se dizer que as teorias de tradução, cada uma à sua maneira, revelam-se, a despeito da diversidade de abordagens, modos de lidar com uma relação singular de intimidade com um texto: o traduzir. Modos que exigem cautela no aproximar-se, mantendo sempre certa distância. Nem cópia fiel nem fenômeno especular, visto que o original já é duplo e que se faz ver/ouvir como imagem/eco da tradução índice (continuidade) e ícone (intervalo, descontinuidade). Nessa encenação, a tradutora já começa por ler no texto estrangeiro seu devir em português – por exemplo – e escreve para ler o que desse texto vai ressoar para ela e para outras leitoras. É preciso, então, pensar a tradução como um pôr-se à escuta dessa forma de vida e, mais precisamente, como escreve Arthur Nestrovski no texto de abertura do *Livro da Temporada 2016* da OSESP, com um pôr-se em um *Estado de Escuta*

Para abrir os ouvidos
Para ampliar os sentidos
Para liberar o silêncio
Para acolher os sons
Para nos dar um tempo
Para nos dar o tempo

Para nos livrar da compulsão de produzir
Para nos livrar da compulsão de consumir
Para nos livrar da compulsão de comunicar

Para dar valor à vida real
(sem cópia virtual)

¹ Cf. World Atlas. <https://www.worldatlas.com/articles/how-many-languages-are-there-in-the-world.html>

Para nos ensinar a diferença
Para nos irmanar

1 *Compositor de destinos / tambor de todos os ritmos*²

O que seria um saber-fazer em tradução atento ao que se ouve no tempo em que se escuta? Arrisco uma resposta mais imediata. Esse saber (se) conta, é verdade, com os saberes que adquirimos à medida que nos atarefamos em traduzir e vamos providenciando nossas *cartas de marear*, imprecisas e errantes, passantes, justamente porque consentem (mesmo quando o *coração não contenta*) em por vezes perder de vista a terra firme da sistematicidade.

Traduzir é preciso e traduzir não é preciso... porque viver e traduzir estão ambos submetidos ao princípio da incerteza. Digamos, então, que o traduzir se teoriza segundo uma prática advertida, uma prática cautelosa que se dis-põe ao outro e que, também por isso, exige tato, tática, pegada, uma fina escuta, quem sabe um dom. Além do mais, nessa convivência com o que resiste a qualquer forma de apropriação, é preciso ter sempre em vista as armadilhas da compreensão e da lógica implacável das teorias que não contam com o equívoco (VERAS, 2014, p. 32-33).

Não se trata de buscar na semelhança entre esses saberes adquiridos e contabilizados algo previsível, afastando o instante, o relampejo do que terá sido vivido na experiência de cada um, como diz Walter Benjamin (1985), mas de reconhecer o momento oportuno, o instante que se mostra como uma fenda no contínuo do tempo... “penso que esse saber-fazer deve estar ligado a um não-saber-fazer que exige certa disponibilidade ao *kairós*, uma atenção ao imprevisto, às fendas e ao rapto...” (VERAS, 2014, p. 33). A tradução relaciona as línguas, ainda segundo Benjamin, pelo que todas querem dizer, mas que nenhuma pode dizer a não ser com as outras e entre elas. Nem reconstrução de uma origem perdida nem um projeto do vaso restaurado como presença estável, mas uma rearticulação desses fragmentos dispersos. Penso que não se poderia aqui falar, por exemplo, de algo como a busca do indo-europeu re-construído como língua

² Os subtítulos deste trabalho são versos emprestados da canção *Oração ao tempo*, de Caetano Veloso, no álbum *Cinema transcendental*, 1989. Um versão oral reduzida deste trabalho foi apresentada no Simpósio: *Figuras do contato entre línguas na literatura*, no VI SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos da Língua Portuguesa. Santarém, Portugal, 2017.

perdida, original, e que deve sua existência como objeto de estudo da gramática comparada à condição de nunca ter sua existência provada – daí o asterisco marcando cada raiz, com o brilho a que Daniel Heller-Roazen (2010, p. 85-96) dá o devido realce em *Ecolalias*. Tampouco se pode dizer que se trata da busca da estrutura profunda, espécie de linguagem universal comum a todas as línguas. Em *Aspectos da teoria da sintaxe*, o próprio Chomsky (1965, p. 112-113) conclui que a existência de tal estrutura “não implica qualquer processo razoável de tradução entre línguas” – e reitera: “um processo razoável que não implique o extralinguístico”. Em outras palavras: a tradução não trabalha com o falante ideal, o texto ideal, a língua ideal.

As práticas e saberes de tradutores, como podemos depreender de seus testemunhos, procedimentos, estratégias e resultados, não são em primeiro lugar hermenêuticos, filosóficos ou exegéticos; tampouco pura arte – se levarmos em conta a provisoriedade de que fala Benjamin (2008); também não seriam uma linguística disciplinarmente aplicada ou um subsistema das teorias culturais, como observa Henri Meschonnic (2010). Segundo entendemos, tais práticas são em primeiro lugar uma experiência que constitui, digamos, um saber muito peculiar, um saber das relações com e entre obras, línguas, culturas. Um saber (que é também um saber-fazer) dos limites e diferenças entre o próprio e o estrangeiro. Diz melhor Maurice Blanchot (1971, p. 70), em *A amizade*, no momento em que discerne esse sentir como falta do que promete o original – algo como “um saber que é viver a diferença das línguas [...] como se fosse um desígnio perverso”, por ser uma diferença que o tradutor persegue, dissimula e mesmo acentua – “a tradução é a própria vida da diferença”³.

Nesse sentido, uma história da vida da tradução como o que se acumula e contabiliza como seus saberes precisa sempre ser avaliada na tensão entre o reconhecimento de uma diferença irreduzível e a decisão de traduzir, propondo mediações criativas – se possível – e sempre novas diferenças que acomodem/incomodem o que resiste à compreensão. “A transformação de uma língua na outra mediante um *continuum* de transformações”, como diz Benjamin (2008, p. 18), e que Jacques Derrida (1975, p. 30) traduz como “transformação regulada de uma língua por outra, de um texto por outro... Operação entre línguas, portanto”. Nesse *entre*, a tradutora não só reconhece essas irreduzíveis diferenças que se fazem ouvir na língua estrangeira, como também cria

³ Estas e todas as traduções não referenciadas são de minha responsabilidade.

diferenças na língua que lhe é “própria”, para acomodá-las. Essas impossibilidades, contudo, em vez de simplesmente acentuarem as insuficiências da tradução, o fracasso, a traição, apontam o que ela tem de mais específico – uma renúncia, mas uma renúncia que se revela constitutiva –, o duplo gesto da tarefa-renúncia benjaminiana que Jacques Derrida (2000) chamou de tarefa impossível e necessária.

2 *Por seres tão inventivo / e pareceres contínuo*

Considero importante registrar que comecei a refletir sobre a tarefa do tradutor a partir dos tradutores de Sigmund Freud, às voltas com inúmeras notas de rodapé nas quais cada um deles tentava explicar os chistes e sonhos – mesmo contrariando Freud, que afirmava que a explicação “tirava a graça”; mesmo sendo obrigados a contrariar o autor – uma vez que o riso, por exemplo, restava entre as línguas. Derrida (2000) se dá conta disso e põe em ato essa armadilha: demanda justamente a tradução do que se mostra intraduzível e, de antemão, pede desculpas ao tradutor... É performando que Derrida não teoriza a tradução; transmite-a.

Em *Transmitir a clínica psicanalítica: Freud, Lacan, hoje*, o psicanalista Érik Porge (2009a) fala sobre a transmissão da psicanálise a partir de três pontos: da clínica, do ensino e da publicação. Traduzir um livro que tem como tema o que se transmite exige que se leve em conta essa clínica, ter passado por essa experiência, ter me posto à escuta do (in)significante. Traduzi também, do mesmo autor, o ensaio *L’erre de la métaphore* (2009b). Em português escrevi: O *errar* da metáfora – interferindo na escrita e na leitura de *errar* (o verbo “errar” com negritos e itálicos) para destacar o “ar” (desinência verbal que também poderia ser lida como o substantivo “ar”). Mas caminhei bastante pelo texto antes de decidir. Evidentemente, o tema do ensaio é esse *trans-* poético da metáfora, o que se passa entre significantes, e Porge (2009, p. 13, itálicos meus) escreve: “No início de seu seminário *RSI*, Lacan levanta pela primeira vez uma curiosa questão: Qual é o *errar* da metáfora? Qual é o máximo permitido na substituição de um significante por outro?”

O problema nesse título era a homonímia – o incômodo, como diz Barbara Cassin (2017), que vem desde Aristóteles e continua na Tradução Assistida por Computador – TAC. Encontrei *erre* como modo de andar, passo, ritmo, pegada, pista, velocidade (como

referência ao impulso do navio quando cessa a propulsão). Ligado a *errer*, no sentido de vagar sem rumo, divagar, perder-se, e no sentido de cometer um erro. Erre é também o nome da letra R, que escreve o Real lacaniano. Mudei a fonte também como uma tentativa de destacar esse R (de Real) e dar a sentir o prazer do “*ar estrangeiro*” (*l’air*) que Aristóteles aponta na metáfora no Livro 3 da *Arte Retórica*. Porge escutava no francês dos *Escritos* de Jacques Lacan alguns versos alexandrinos em trechos nos quais fazia referência a alguns versos de Victor Hugo, e que não apareciam como alexandrinos (ou decassílabos) na tradução em português, de Vera Ribeiro, adotada pela tradutora.

São questões como essas, entre outras ligadas à escuta, que pedem que a tradutora siga as pegadas de uma psicanálise em transmissão, com a *raison/razão* freudiana, mas também com a *réson* do poeta Francis Ponge – entre ciência e arte, sem que nada permita decidir por uma ou outra, e que reafirma uma e outra. Essas questões, bem conhecidas de quem traduz poesia, aparecem em textos psicanalíticos, e foram elas que me levaram a rever tanto o erro quanto a traição a que sempre está sujeito quem traduz. Penso agora a traição, ao pé da letra, como *trans-dare*, uma entrega, por certo, mas respeitando os limites do que se promete – por exemplo, devolver o sentido – e evitando a apropriação, a delação (essa não seria premiada), resistindo sem ceder. Enfim, tenho sempre que traduzir de ouvido (como toco o violão) e estar à escuta – à escuta dessa instância, desse tempo do instante, e afinada – já que não pratico (ao menos na clínica) a fina escuta psicanalítica.

Foi assim, por exemplo, quando comecei a ler o último livro que traduzi de Érik Porge (2014). Um livro sobre o mito ovidiano de Eco e Narciso, tomando a ninfa que se limita a repetir a contraparte da imagem – espelho d’água e rochedo. O amigo que escreve o prefácio de *Voz do Eco* comenta que Porge reclama de desafinar, de cantar desafinado. Chama então a atenção para a escuta desse psicanalista, uma escuta que lhe permite ler, escandir e pontuar o que cada paciente fala em sua clínica. Em francês há um jogo entre o desafinado, o *chant faux*, e o afinado, o *chant juste*, daí o comentário sobre a dificuldade do psicanalista em contar com sua voz para confirmar seu gosto musical: “ele desafina... Porge teria adorado cantar afinado...” [*il chant faux... Porge aurait bien aimé chanter juste...*]. Mas encerra o prefácio afirmando que a escuta do psicanalista lhe faz *justice*.... Na ânsia de não deixar que se perdesse esse elogio trocadilhado, incluí uma nota. Depois, com o texto já na gráfica, sabe-se lá por que “acaso”, cantarolando *Fina Estampa* (uma

canção da compositora e cantora peruana Chabuca Granda, gravada por Caetano Veloso), me dei conta de que poderia ter feito algo diferente – ter me valido do afinado/desafinado para dizer, em bom português, que Porge era um desafinado, sim, mas com uma *fina* escuta...

De certa forma, traduzir contando com ritmo e tempo, traduzir nesse andamento, é viver no corpo *a dor e a delícia* do que de uma língua reverbera em outra – que também não é nossa: nas rupturas dos sintagmas, na sintaxe desmantelada, na sonoridade que exige mudanças de escalas, na prosódia que escapa ao canto, na violência que se sente no corpo. Arte de corte, montagem – é a palavra musical que melhor se adequa a essa experiência sem tempo e sem lugar que é a da literatura, e também a da psicanálise, como verdadeira e cortante experiência-limite. Nesse tipo de composição encontra-se dramaticamente em jogo a intraduzibilidade que, de modo contundente, se encontra em jogo na escrita como distância não pacificável entre o Mesmo e o Outro, uma vez que o *dito* do discurso, no mesmo ato em que *traz, trai* a assimetria dessa relação (BLANCHOT, 1969). Para o autor, encena-se na escrita a violência que o instrumento de corte, o estilete [*stylet*], que é também em língua francesa a caneta, performa a escrita como corte e crise.

Quanto à voz, errante, é ela quem convoca. A voz vem antes da distinção entre uma língua e uma fala, antes de toda linguagem, estrangeira a ela. A língua busca a distinção, mas aparecem valores rítmicos e relações de tonalidade destituídas de pertinência linguística; com nuances plásticas infinitamente detalháveis, que ficam em segundo plano, sob o jogo/jugo das relações fonológicas que dão lugar aos sentidos... E basta uma ligeira escansão para que se faça ouvir, no fluxo da fala, essa reserva diferencial impertinente (que Lacan nomeou *lalangue*) que abala o sistema e des-encadeia a língua.

Foram esses trabalhos com as materialidades da língua – que aparecem com mais força nas referências de Lacan a James Joyce e a Marguerite Duras – que me levaram a trabalhar com o intraduzível. A noção de intraduzível tem um quê de misterioso, de fascinante, algo que se poderia dizer intrínseco à própria noção de língua: uma vez que cada uma é única e resistiria, por definição, por ser única, ao processo de tradução. Contudo, nisso que se esquia como um ponto de opacidade, alteridade e diferença, é precisamente a tradução que denuncia que algo como trazer para si o estranho como se fosse próprio é uma ilusão; mais ainda, uma violência... e a tradução questiona a pretensão do poder de dominação do próprio. No cerne da questão, a instância do corpo como

corpus tradutório irrompe de maneira inevitável, pois, naquilo que se nomeia tradução, vários corpos estão em jogo: o da língua, o do tradutor, o do texto, o da memória, enfim, trata-se de uma operação engajada no corpo daquilo/daquele/a que (se) traduz. Penso que essa questão do corpo/corpus comparece na literatura e em alguns textos psicanalíticos nos atos de tradução – tentar escapar ao envolvimento é lutar contra a alteridade que ao mesmo tempo constitui e se constitui no ato de traduzir.

3 *O que usaremos pra isso / fica guardado em sigilo*

No contexto contemporâneo dos Estudos da Tradução destacam-se algumas linhas de pesquisa que compreendem o ato tradutório como forma singular de estabelecer diálogos com outros campos disciplinares como a educação, a linguística, a filosofia, a literatura, a sociologia, a psicanálise, entre outros, marcados politicamente pela posição assumida não só pelo autor do texto, como também pelo tradutor e pelas diversas instituições (editoras, academias, empresas de publicidade, jornais...) que estabelecem as formas de mediação.

De modo geral, falar em intraduzível no mundo institucional dos Estudos da Tradução é, de saída, pôr sob suspeita a objetividade comunicante que diz respeito a uma concepção instrumental de língua, mesmo que se admita que é justamente essa objetividade que se torna problemática logo que o trabalho da tradução considera o contato com outras línguas. O intraduzível se mostra quando o tradutor renuncia ao ato de traduzir, renuncia a encontrar uma equivalência mais ou menos adequada e “prefere” a explicação. A nota de rodapé é muitas vezes apontada como falha de tradução, e até como falência, mas de quê? Do tradutor em seu enfrentamento do que resiste? Do tradutor pouco engenhoso ou apressado? Do leitor suposto incompetente? É que é difícil encontrar algo novo e dar-se conta desse novo quando aparece – e que emerge muitas vezes no mais banal, no que parece já sabido.

E também se pode dizer, como se diz em psicanálise, que o que resiste talvez não seja o texto, mas a tradutora. Observo, quanto ao intraduzível, dois movimentos aparentemente antagônicos. O que vai de uma certeza absoluta de que esse intraduzível existe sim, especialmente na poesia, e não foram poucos os poetas que declararam isso. Samuel Taylor Coleridge (1983, v.1, cap. 2) descreve essa intraduzibilidade como “um

teste infalível do abençoado estilo poético”, e explorava nesse estilo conexões entre sonhos e jogos de palavras, declarando a impossibilidade de “dizer o mesmo com outras palavras” – e, no entanto, traduzia – de que intraduzível falava? A hipótese inversa diz que nada é intraduzível – uma vez que foi escrito, é traduzível, e haveria somente uma espécie de hierarquia de dificuldades – mas aqui a certeza é relativizada. Antoine Berman (2002), por exemplo, reclama que a linguística fala somente da insuficiência da tradução em relação à poesia, em vez de sublinhar o que o movimento de tradução tem de positivo (a prova do estrangeiro).

Neste momento apenas insinuo que é apenas entre línguas que *isso* que escapa ao controle semântico, a qualquer tentativa de controle de uma significação passível de ser administrada, emerge, instancia-se. A tradução pode/deve tangenciar isso que resta, e pode fazê-lo continuar ressoando ou encerrá-lo. Surgindo tão somente na relação entre línguas, esse intraduzível não estaria de fato em nenhuma delas a priori. O ato tradutório faz aparecer esse espaço/tempo entre línguas, por isso se pode dizer que há sempre um risco em traduzir, posto que dar início a esse trabalho é introduzir uma descontinuidade, expor as fissuras, o elemento desarmônico. Para lidar com isso é necessário que o tradutor tenha o que Freud (1905-1980) chamou de *prontidão técnica*, uma mistura de tato e tática, e, para isso, é preciso *Stimmung* (disposição, afinação), e acima de tudo uma aptidão pessoal [*persönliche Eignung*].

São diversas as formas de falar desse intraduzível. Por exemplo, como o que surge no contato entre línguas e leva a desejar traduzi-lo, tendo ao mesmo tempo o cuidado, como observa Marcos Siscar (2013, p. 193), de não fazer dele algo intocável, místico, mas também não algo transparente e comunicável. Para o poeta, a resposta mais atual à mística do intraduzível tem sido a inversão total – negá-lo – “de privilégio tornou-se estigma” (p. 195), questão de prescrição, de política de gêneros e de áreas.

Um meio termo entre as certezas do não e do sim pode ser *o desvio* passando pelo que simplesmente resiste – embora, como na psicanálise, se possa dizer que a resistência é do tradutor. O caminho do meio toma o intraduzível como “reconhecimento da diferença”, como diz Glissant (2005, p. 29), “dos diferentes, como o elemento básico da relação”. Não estancar a diferença, a estranheza, mas acompanhá-la, na medida do possível, mesmo que não haja garantias, especialmente quando se permanece em certa incerteza.

Existe em toda língua algo que é, de certo modo, rebelde à simbolização e que apenas se revela na relação com o estrangeiro. Nessa instância, o saber do tradutor vem justamente enfatizar a dissimetria entre as partes, e sua relação com esse estrangeiro, sendo amorosa – não tentando privá-lo de sua alteridade –, é política, e ética. A experiência do intraduzível pode, ainda, permitir que se tirem dela consequências epistemológicas – o saber da língua como o que foi, tem sido, é, e sempre será um campo em que se manifesta uma reserva especial: é nas línguas que nos constituímos sujeitos falantes e a alteridade mais irredutível, inconsciente, nos habita, e nos previne de uma uniformização do humano.

4 Tempo tempo tempo tempo / Num outro tipo de vínculo

Em outras palavras, e recuperando o que disse de início, traduzir é uma forma de lidar com a alteridade, implica uma consciência dessa alteridade e, mesmo reconhecendo um limite, acende o desejo de traduzir a-pesar de tudo; de habitar esse paradoxo sem se deixar imobilizar – questão ética, portanto.

O fato evidente de que toda língua possui uma dimensão partilhável permite que haja traduções que funcionam muito bem, mesmo que sustentadas em uma ilusão de identidade que permite pressupor que o sucesso da tradução residiria na passagem entre línguas sem (ou com o mínimo de) equívocos. Para Caetano Galindo (2013, p. 328), por exemplo, o intraduzível se mostra como um ponto de instabilidade que se revela em especial para quem “subestima a estabilidade dos significados dos textos que julga traduzíveis e, portanto, acha fácil localizar intraduzibilidade onde quer que se veja relativizada essa mesma estabilidade”. O que não é a mesma coisa que dizer que falamos aqui do que justamente escapa à rede dos sentidos, à precisão das correspondências formais e/ou funcionais, mesmo aquelas que são de inestimável valor para a tradução de poesias. Enfim, a tradução pode ser ainda, por exemplo, o que um poema tem de sobra, tem em reserva; uma reserva “que mantém ativa uma potência”, tradução posta em reserva pelo poeta Rimbaud (SISCAR, 2013, p. 196), que é algo de outra ordem, que não se deixa reduzir a um problema de incompreensão – ele tem lá suas reservas com relação a ela.

A premissa geral afirmada na proposição “toda tradução é imperfeita” (seja qual for o ideal de perfeição pretendido) permite que se tome a noção de intraduzibilidade como negação da traduzibilidade, ou ponto de vacilação de certa estabilidade do significado na passagem entre línguas. O que nestas especulações se ensaia é fazer valer esse intraduzível no registro do equívoco como ato, como uma “formação da tradução” (do mesmo modo que se diz em psicanálise, a partir de Freud e de Lacan, “formação do inconsciente”). Equívoco nascido do (des)encontro das línguas no instante em que se traduz, e que não se pode interpretar no registro da compreensão como um sentido digamos “adequado”, porque se revela opaco em ambas as línguas.

Neste trabalho buscamos destacar entre as diversas tarefas do tradutor a possibilidade de uma maior abertura para a alteridade, para o acolhimento e para o estranhamento das línguas do outro, especialmente quando o leitor (ouvinte, no caso da interpretação) não ignora essa mediação e dela se vale para refletir sobre o tipo de transmissão que ali se faz. Se certa violência é inevitável em qualquer ato tradutório, é preciso investigar o que cada gesto de intervenção esconde ou expõe, independente do tipo de liberdade que cada tradutor toma com relação àquilo que está sendo traduzido. É preciso, ainda, pôr-se à escuta dos desvios que a palavra do *outro* sofre ao passar pela pena, boca, gestos, imagens de quem traduz – garantido ou não pelas boas intenções –, estabelecendo um delicado e, às vezes, impossível equilíbrio entre a imparcialidade e o engajamento. Trata-se, como afirma Jacques Derrida (2003), não somente de um convite ao estrangeiro cuja vinda não se antecipa como um momento oportuno, mas em um sentido mais radical, como uma aparição súbita e inesperada, cujos efeitos são imprevisíveis.

Referências

BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. Tradução de Susana Kampff Lages. In: BRANCO, Lucia Castello. (Org.). **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 66-81.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 222-232.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica – Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Tradução de Maria Emília Chanut. Bauru: Edusc, 2002.

BLANCHOT, Maurice. Traduire. *In*: **L’Amitié**. Paris: Gallimard, 1971, p. 69-71.

BLANCHOT, Maurice. **L’Entretien infini**. Paris: Galimard, 1969.

CASSIN, Barbara. **Éloge de la traduction** – compliquer l’universel. Paris: Fayard, 2016.

CASSIN, Barbara. Acidente/Acidente de trânsito – de Aristóteles à TAC. Tradução de Viviane Veras. **Revista Letras**, Universidade Federal do Paraná, vol. 95, jan-jun, 2017, p. 203-216. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/letras/article/view/49236/32532>. Acesso em: 12 jun. 2020.

CHOMSKY, Avram Noam. Aspectos da Teoria da Sintaxe. Tradução, introdução, notas e apêndices de José Antonio Meireles e Eduardo Paiva Raposo. Coimbra: Armênio Amado, 1975.

COLERIDGE, Samuel Taylor. **Biographia Literaria**. James Engell & Walter Jackson Bate, 2 vols. London and Princeton: Routledge & Kegan Paul and Princeton University Press, 1983.

DERRIDA, Jacques. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Tradução de Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DERRIDA, Jacques. O que é uma tradução “relevante”? Tradução de Olívia Niemeyer Santos. **Alfa**, v. 44, 2000, p. 13-44.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa: Plátano, 1975.

FREUD, Sigmund. Os chistes e sua relação com o inconsciente [1905]. *In*: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, v. VIII, 1980.

GALINDO, Caetano. O que não se pode dizer. **Revista Versalete**, Curitiba, vol.1 nº Zero, jan-jun., 2013, p. 327-342. Disponível em: <http://www.revistaversalete.ufpr.br/edicoes/vol1-00/Texto26Galindo.pdf> Acesso em: 15 out. 2021.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

HELLER-ROAZEN, Daniel. **Ecolalias**: sobre o esquecimento das línguas. Tradução de Fábio Durão. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

MESCHONNIC, Henry. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NESTROVSKI, Arthur. Estado de escuta. **Revista OSESP**, Temporada 2016. Disponível em: <http://www.osesp.art.br/upload/documentos/RevistaOsesp/Livro-Temporada2016.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2020.

[PORGE, Erik. **Voz do eco**. Tradução de Viviane Veras. Campinas: Mercado de Letras, 2014.](#)

PORGE, Erik.. **Transmitir a clínica psicanalítica**: Freud, Lacan, hoje. Tradução de Viviane Veras (colab. P. S. Souza Júnior). Campinas: Editora da Unicamp, 2009a.

PORGE, Erik. O *errar* da metáfora. Tradução de Viviane Veras. *In*: LEITE, Nina; VORCARO, Angela. (Orgs.). **Giros da transmissão em psicanálise**: instituição, clínica e arte. Campinas: Mercados de Letras, 2009b, p. 13-42.

SISCAR, Marcos. **Jacques Derrida**: literatura, política e desconstrução. Campinas: Autores Associados, 2013.

VERAS, Viviane. Um elogio da tradução. *In*: ESTEVES, Lenita; VERAS, Viviane. (Orgs.). **Vozes da tradução**: éticas do traduzir. São Paulo: Humanitas, 2014.

VERAS, Viviane. Da loucura da tradução à tradução da loucura. *In*: TAVARES, Pedro Heliodoro; COSTA, Walter Carlos; PAULA, Marcelo Bueno. (Orgs.) **Tradução e Psicanálise**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013.

VERAS, Viviane. Verdade em tradução: um testemunho da dor das palavras. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 50, n. 2, p. 459-478, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132011000200014>. Acesso em: 12 jun. 2020.

Recebido em: 12 de julho de 2021

Aceito em: 15 de outubro de 2021

Publicado em novembro de 2021

Viviane Veras
E-mail: viveras@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5548-4098>
